

Sinfonia Varsóvia

22/04 (Série Branca) - 23/04 (Série Azul)

Beaux Arts Trio

13/05 (Série Branca) - 14/05 (Série Azul)

Jean Louis Steuerman

27/05 (Série Branca) - 28/05 (Série Azul)

Orquestra Sinfônica de Montreal

13/06 (Série Branca) - 14/06 (Série Azul)

Orquestra Filarmônica de Leningrado

24/06 (Série Branca) - 26/06 (Série Azul)

Pinchas Zukerman and Friends

19/08 (Série Branca) - 20/08 (Série Azul)

Lazar Berman

23/09 (Série Branca) - 25/09 (Série Azul)

Camerata Academica do Mozarteum de Salzburg

30/09 (Série Branca) - 01/10 (Série Azul)

Quarteto Melos

21/10 (Série Branca) - 22/10 (Série Azul)

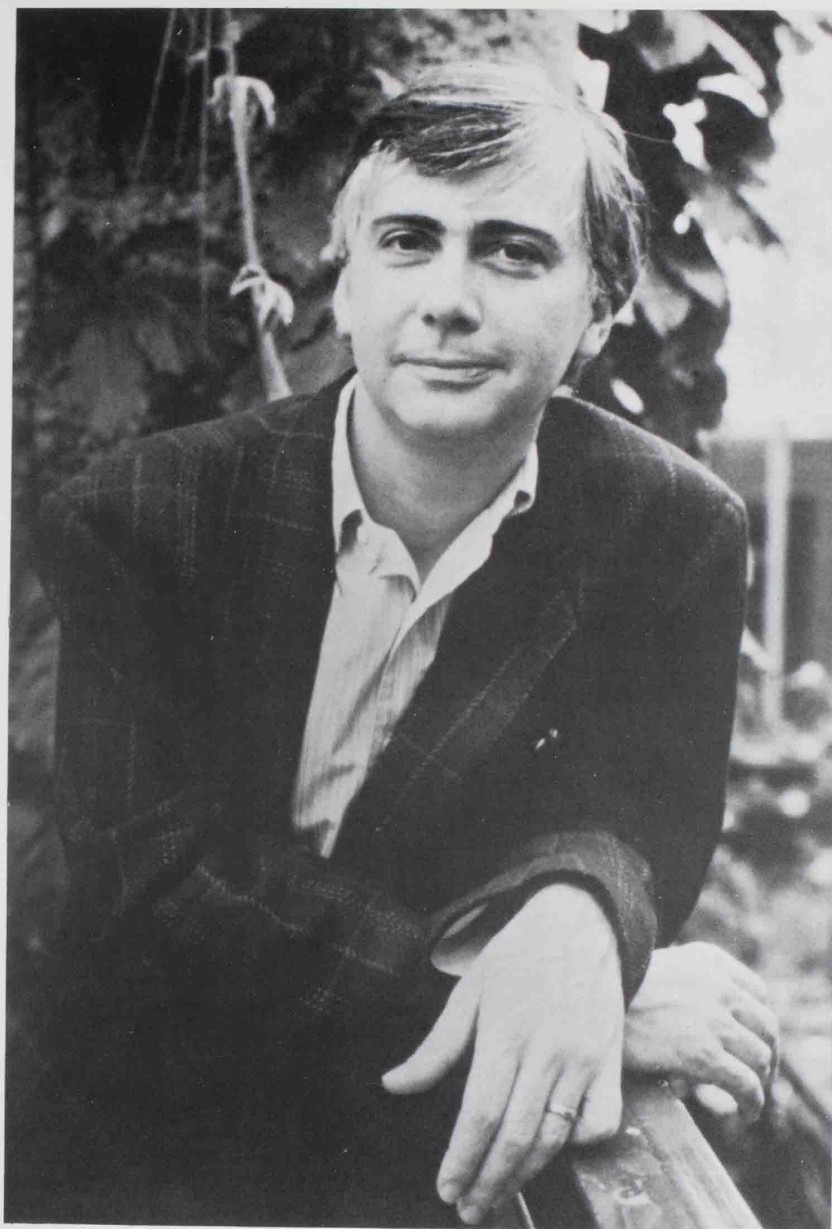
CULTURA ARTÍSTICA - TEMPORADA INTERNACIONAL 1991

*Jean Louis
Steuerman*

Piano

Promoção:





Jean Louis Steuerman

Nascido no Rio de Janeiro em 1949, de família de tradição musical, este jovem virtuoso tinha quatro anos quando sentou-se ao piano. Adolescente, já se apresentava junto à Orquestra Sinfônica Brasileira. Sua carreira como solista desponta em 1972, após ter ganho o Concurso Internacional de Leipzig, quando começa a tocar através da Europa, principalmente em Londres, apresentando-se como solista das grandes orquestras inglesas.

Mas foi na realidade sua primeira gravação, com as Seis Partitas de Bach, com a qual recebeu o Diapason d'Or, que lhe serve de trampolim para o sucesso internacional, valendo-lhe também um contrato de exclusividade com o selo Philips.

Desde então abriram-se as portas para este brilhante pianista brasileiro, radicado em Londres, que só

recolhe trunfos, críticas entusiastas e aplausos calorosos, através de tournées anuais que chegam a levar meses seguidos, às vezes tocando cinco ou seis diferentes programas na mesma semana.

Entre os mais importantes concertos que deu recentemente, vale citar sua apresentação com a Royal Philharmonic Orchestra sob a regência de Menuhin, sua participação no Festival de Atenas junto a Ashkenazy, o concerto com Kurt Masur e a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, etc.

Jean Louis também aprecia, e muito, as apresentações com música de câmara, que acontecem regularmente através do mundo todo, em festivais e temporadas das mais importantes salas de concerto.

Em matéria de gravações, além da já citada, Steuerman gravou outras obras de Bach, Scriabin, entre outros compositores.

CULTURA ARTÍSTICA - TEMPORADA INTERNACIONAL 1991

Maio 27 – 2ª feira – 21 horas 1222

A. Berg (1885-1935)

Sonata Op. 1

L.V. Beethoven (1770-1827)

Sonata nº 31 em Lá bemol maior, Op. 110

Moderato cantabile molto espressivo
Allegro molto
Adagio ma non troppo – Allegro
ma non troppo (Fuga)

Intervalo

J.S. Bach (1685-1750)

Variações Goldberg (BWV 988)

Maio 28 – 3ª feira – 21 horas 1223

J.S. Bach (1685-1750)

**Fantasia Cromática e Fuga em Ré menor
(BWV 903)**

R. Schumann (1810-1856)

Carnaval de Viena, Op. 26

Allegro
Romanze
Scherzino
Intermezzo
Finale

Intervalo

O. Schoeck (1886-1957)

**2 Peças, Op. 29
Consolation e Toccata**

S. Prokofiev (1891-1953)

Sonata nº 7 em Si bemol maior, Op. 83

Allegro inquieto – Andantino
Andante caloroso
Precipitato

Próximas Apresentações: Orquestra Sinfônica de Montreal
Regente: Charles Dutoit
13, 14 e 15 de junho.

Alban Berg – Sonata para piano, op. 1

Alban Berg (1885-1935) já havia escrito várias obras, inclusive mais de sessenta canções, quando decidiu abrir o seu catálogo oficialmente com a Sonata para piano, op. 1. Datada de 1907-08 e publicada em 1910, a partitura foi escrita sob os olhos do seu professor, mentor intelectual e futuro companheiro de lutas estéticas, Arnold Schoenberg. Nessa Sonata que seria a única longa peça que Berg destinaria ao piano solo já se encontram algumas das características do estilo do músico. Antes de mais nada, a permanente alternância de "climas" expressivos; depois, a referência, ainda que tamizada, à tonalidade; e, enfim, o agenciamento do material em intrincados jogos polifônicos. A tonalidade básica da Sonata, si menor, é constantemente posta em xeque por uma contínua oscilação harmônica, geradora de uma bela e tensa instabilidade sonora de raiz expressionista. Sua forma obedece ao esquema do *allegro* de Sonata (com a repetição da Exposição) com três motivos básicos exibidos nos primeiros compassos. O cromatismo exacerbado e as frequentes oscilações de andamento concorrem para dar a ela a aparência de um delírio, mas de um delírio cuidadosamente organizado.

Ludwig van Beethoven – Sonata para piano nº 31, em lá bemol maior, op. 110

A Sonata em lá bemol maior foi a penúltima que Beethoven escreveu para piano. Esboçada em 1819, ela seria completada em dezembro de 1821, para ser publicada no ano seguinte. Como várias outras partituras dessa fase final da produtividade do compositor, essa Sonata possui um recorte libertário que faz dela uma espécie de porta-voz de uma estética revolucionária, a do Romantismo, que ela desbrava em sentido prospectivo. Longe de tratar a forma sonata como mera equação matemática, Beethoven a transfigura com uma inédita aliança de espontaneidade natural e de disciplina objetiva, chegando a resultados que soam surpreendentes ainda hoje. No primeiro movimento (*Moderato cantabile molto espressivo*), três idéias básicas são exploradas sobre a marca d'água do esquema sonata, em meio a figurações e gestos sonoros provenientes de uma visão elemental. No curto *Allegro molto* que vem em seguida, a lembrança da fórmula *Scherzo* serve para explorar efeitos de contraste de toda ordem. O *finale*, o mais longo e complexo movimento da partitura, alterna dois episódios em compungidos recitativos com dois outros em escritura fugada. Suas quatro partes finalmente soldadas estabelecem um amplo leque de climas expressivos que nos carregam de metáforas melancólicas a outras de júbilo.

Johann Sebastian Bach – Variações Goldberg BWV 988

A história que cerca as Variações Goldberg é bem conhecida: sofrendo de insônia, o conde von Keyserling encomendou-a a Bach, a fim de que elas fossem tocadas pelo cravista do nobre, Johann Gottlieb Goldberg, nas vigílias desse ex-embaixador. O que o cravista, antigo aluno do próprio Bach, recebeu foi uma alentada partitura que se intitulava "Ária com algumas variações para cravo de dois teclados". Hoje, sabemos, ela é um monumento – é o mais importante ciclo de variações para instrumento de teclado de toda a História da Música. (Apenas as Variações Diabelli de Beethoven podem ser comparadas às Goldberg). Partindo de um tema em sol maior, o de uma sarabanda no estilo francês que o compositor já anotara em um livro dedicado à mulher, Anna Magdalena, em 1725, Bach compôs trinta variações, na década de 1740. Estas foram escritas empregando modelos caros ao compositor – intervenção à várias vozes, fuga, coral ornamentado, dança, cânon etc – e entregam ao executante uma enorme soma de dificuldades técnicas, responsável pelo caráter instrumentalmente brilhante da partitura. Os próprios processos de escritura (polifonia, homofonia, agenciamento rítmico) são permanentemente variados, conferindo à partitura a um amplo espectro de formulações, onde a jovialidade e a sabedoria se encontram.

Johann Sebastian Bach – Fantasia Cromática e Fuga em ré menor BWV 903

"Permanecerá bela por todos os séculos". Foi assim que Wilhelm Friedmann, ao enviar uma cópia da partitura ao primeiro biógrafo de seu pai, Nikolaus Forkel, referiu-se em versos à Fantasia Cromática e Fuga em ré menor (BWV 903) de Johann Sebastian Bach. O próprio biógrafo diria da obra mais tarde: "Esta Fantasia é única e jamais foi igualada". O entusiasmo de ambos era justificado: a partitura revela um grau de invenção e de audácia harmônica raros de ser encontrados em obras contemporâneas suas. E a intensidade da sua expressão seria logo tomada pelos artistas românticos como um modelo digno de reverência. Uma primeira versão da Fantasia foi escrita por Bach quando este trabalhava em Coethen, por volta de 1720; a versão definitiva foi redigida um década mais tarde, em Leipzig. Bach articulou a obra em duas partes, de maneira fortemente contrastada: "Ao lado da Fantasia, dramática e apaixonada, a Fuga aparece bem como um modelo de ordem formal e de disciplina contrapuntística", disse Adélaide de Place. Na Fantasia, um primeiro episódio que utiliza arpejos de maneira obsessiva é seguido de outro, que concretiza um recitativo repleto de audaciosas soluções harmônicas; encerra-a um novo episódio que faz uso de ambos os recursos. A Fuga coloca em jogo três vozes, em um tratamento a um só tempo severo e fluente.

Robert Schumann – Carnaval de Viena, op. 26

Menos célebre que o Carnaval, op. 9, o Carnaval de Viena (*Faschingschwank aus Wien*, op. 26) é também obra característica de Schumann no seu gosto pela utilização de "máscaras" e de "disfarces" expressivos. É, igualmente, uma das obras mais alegres, extrovertidas e brilhantes do compositor, que a escreveu em 1839, depois de uma visita à capital da Austria. Integra a última safra de partituras que ele dedicou ao piano — logo depois ele se voltaria, compulsivamente, para a canção. Diferentemente do Opus 9, em que uma série de "retratos psico-sonoros" são alinhados a partir de um núcleo básico de notas, o Carnaval de Viena exhibe, através de uma escritura pianística quase orquestral, o clima dominante de farsa engraçada, típico dessa festa vienense. E, em vez das miniaturas do ciclo anterior, Schumann articula a obra em cinco movimentos — o primeiro e o derradeiro de proporções amplas, os três centrais aforismáticos. Os vários episódios, distribuídos de títulos poéticos, são encadeados segundo um plano harmônico preciso: seções ímpares em si bemol maior, seções pares no tom relativo (sol menor) e no tom da subdominante menor (mi bemol menor). Eles concretizam, de maneira muito livre, as seguintes formas: rondó, romance, intermezzo e forma-sonata.

Othmar Schoeck – Duas Peças para Piano, op. 29 – Consolation, Toccata.

O compositor Othmar Schoeck, ao lado de Honegger, Burkhard e Martin, foi um dos principais músicos suíços da primeira metade do século XX. Vivendo entre 1886 e 1957, desenvolveu carreira de regente, pianista acompanhador e compositor. Sua obra, da qual despontam cerca de quatrocentas canções, seis óperas, várias obras corais, camerísticas e orquestrais (com três concertos destinados a violino, violoncelo e trompa) ainda não foi convenientemente avaliada fora de seu país. Na juventude, oscilou esteticamente entre o pós-romantismo de Mahler e Strauss e o neoclassicismo de Reger, de quem foi aluno em 1907-08. Na maturidade, escreveu obras dentro de um forte expressionismo, do qual o ciclo para barítono e orquestra "Enterrado Vivo", sobre poemas de Keller (1926), é um forte exemplo. Destinou poucas obras ao piano. Além de 2 *Klavierstücke*, op. 29 — que Jean Louis Steurman apresenta em primeira audição brasileira — seu catálogo aponta para a existência de uma Peça para Piano, op. 28 e para duas séries de *Ritornellen und Fughetten*, do início dos anos 50. As Duas Peças para Piano, op. 29 datam de 1919-20 e, para J.L. Steurman, revelam "o horror e o choque" do compositor diante da Primeira Guerra e aliam procedimentos de escritura barroca a certas ambigüidades tonais.

Sergei Prokofiev – Sonata nº 7, em si bemol maior, op. 83.

Das nove sonatas que Prokofiev nos legou, a Sétima é uma das que melhor exhibe os traços fundamentais da linguagem madura do compositor. Aí, se encontram, trabalhadas organicamente: a exploração, com clareza, de formas colhidas na tradição clássico-romântica, a rearticulação da tonalidade em torno de encaminhamentos peculiares e a rítmica tomada como elemento propulsor do discurso. No plano retórico, uma farta gesticulação visando a expressividade tem aí lugar, em um jogo de alternância muito vívido de "climas" emocionais específicos. Em toda ela impera a melodia — ora tratada à maneira aforística, ora desenrolada com expansividade —, elemento ao qual o compositor conseguiu atribuir novos e bastante pessoais contornos. A Sétima Sonata, terminada em 1942, tornou-se a mais conhecida de Prokofiev talvez por ser, como já disse André Lischké, "uma combinação de angústia exteriorizada, de paroxismos de ira, de momentos pensativos e líricos". O primeiro movimento (*Allegro inquieto*) vive da alternância de duas seções fortemente contrastadas. O *Andante* caloroso que vem depois explora uma cantinela de caráter romântico de grande apelo emocional. O *finale*, um *Precipitado* que é das peças que exigem especial virtuosismo do intérprete, é uma adstringente tocata de rítmica assimétrica.

Notas de Programa:

J. Jota de Moraes

A Cultura Artística é uma entidade particular, sem fins lucrativos, a mais antiga organização produtora de espetáculos em São Paulo. Trabalhamos com recursos provenientes da venda de assinaturas e ingressos de nossas apresentações e da cessão de nosso Teatro para as mais variadas atividades, incluindo peças teatrais, concertos, shows, seminários e convenções. Para tornar possíveis nossas realizações, entretanto, necessitamos contar com o apoio de pessoas físicas e jurídicas. Queremos aqui agradecer a todos aqueles que, por meio de doações e patrocínios, prestigiaram nossas mais recentes Temporadas.

Air France
Associação Alumni
Association Française d'Action Artistique
Banco Safra S.A.
CCE — Audio/Vídeo/Informática
English Lavender de Atkinsons
Fundação Japão
Golden Cross
Heublén do Brasil
Metal Leve
Rádio Eldorado
S.A. Indústrias Votorantim
Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa
The British Council
Unibanco
USIS
VITAE

Se você quiser participar das apresentações programadas para este ano, entre em contato conosco. Teremos satisfação em vincular o nome de sua empresa em toda a divulgação de nossos espetáculos.

Sociedade de Cultura Artística
Rua Nestor Pestana, 196
01303 São Paulo SP
Fone 256.3616
Bilheteria 258.3616
Reconhecida de Utilidade Pública por decreto Federal, Estadual e Municipal

CULTURA ARTÍSTICA